

OS COLONOS DE RONDÔNIA: CONQUISTAS E FRUSTRAÇÕES

Maria Helena Fernandes de Trindade Henriques*

SUMARIO

- 1 — *Introdução*
- 2 — *As áreas dos projetos*
- 3 — *As fontes de dados*
- 4 — *As condições de vida e níveis de saúde dos colonos*
- 5 — *Características demográficas*
- 6 — *Vinculação dos produtores com os canais institucionais*
- 7 — *Características sócio-econômicas dos produtores*
- 8 — *Auto-avaliação da situação atual*
- 9 — *Observações finais*
- 10 — *Bibliografia*

1 — INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é o de examinar as condições de vida dos colonos de Rondônia e proporcionar respostas a questões tais como, quem são os colonos, quais são os seus antecedentes, suas formas de produção e pretensões.

Tal foi possível através da análise de informações contidas em fontes secundárias e primárias. As primeiras, constituem-se nas Fichas de Identificação e no Levantamento Sócio-Econômico realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na maioria dos projetos de colonização em 1978. A fonte de dados primários é o Levantamento Sócio-Demográfico da área realizado em junho/julho de 1980. As três fontes cobrem, assim, momentos distintos da vida dos colonos. As Fichas de Identificação fornecem informações sobre sua

* Analista Especializado da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE.

experiência passada e suas características ao tempo da chegada à região. Os outros dois Levantamentos descrevem as condições de vida em Rondônia.

Porque era fisicamente impossível levantar uma amostra de todos os colonos, dadas as dificuldades operacionais de se trabalhar na região, fez-se uma seleção de projetos de colonização baseada no seu grau de institucionalização. Os Projetos Ouro Preto e Ji-Paraná foram escolhidos. Ouro Preto, o mais antigo, com um solo de boa qualidade, é considerado pelo INCRA como o Projeto melhor estruturado. Ji-Paraná, por outro lado, é um dos mais recentes, com uma infra-estrutura de serviços básicos deficientes e uma alta taxa de rotatividade entre os seus administradores.

2 — AS ÁREAS DOS PROJETOS

O Projeto Ouro Preto foi o primeiro a ser implementado na região, numa área selecionada pelo INCRA de 157 mil hectares para acomodar, por volta de 1970, 1.000 colonos com suas famílias. As duas cifras aumentaram, gradualmente, em função da demanda crescente, sendo as metas por volta de 1980, de 500 mil hectares, para 5 mil colonos. O Projeto ficou conhecido como bem organizado e como detentor de terras de alta qualidade.

Originalmente, os tamanhos dos lotes deveriam oscilar de 100 a 200 hectares — os maiores voltados para a criação de gado —, modelo pouco a pouco alterado para 100 hectares, situando-se os mais recentes, hoje em dia, em 30 hectares.

O local do Projeto é cortado pela rodovia principal, a BR-364, e tem, aproximadamente, outros 1.200 quilômetros de estradas não-pavimentadas, na sua maior parte intransitáveis durante a estação das chuvas.

A situação dos serviços de saúde e educação é, ainda, bastante precária, incapazes que são de suprir a crescente demanda.

Quanto a Ji-Paraná, o Projeto compreende hoje uma área de 450 mil hectares, mas com grandes e promissoras oportunidades de futura expansão, já que uma reserva indígena contígua foi recentemente “liberada” para a utilização enquanto área de assentamento adicional.

Tendo-se iniciado após o Ouro Preto, é considerado na região o mais desorganizado: os administradores do INCRA sucederam-se à frente do Projeto; têm havido problemas contínuos com os índios vizinhos e há atualmente um sindicato que começa a organizar os colonos para a luta por seus direitos. Sendo a qualidade de seu solo muito pior que a do Ouro Preto, o uso de fertilizantes e outros corretivos é necessário ao cultivo tanto de culturas temporárias quanto permanentes. Os níveis de produtividade da terra e da produção são, também, mais baixos que os do Ouro Preto.

O assentamento no Projeto começou com 1.000 famílias em 1972, e por volta de 1977, havia já 4.624 famílias estabelecidas.

Há alguns centros urbanos no Ji-Paraná, sendo Cacoal o mais importante. As condições de vida dos colonos continuam, porém, tão ruins quanto eram ao começo, em especial no que se refere a educação e saúde.

Os conflitos de terra perpassam todo o contexto, criando um clima, freqüentemente, violento.

3 — AS FONTES DE DADOS

Uma das dificuldades principais ao conhecimento e melhor avaliação do crescimento demográfico explosivo ocorrido em Rondônia durante a última década é a escassez de fontes quantitativas. Apesar da abundância de descrições de natureza jornalística¹ sobre a amplitude do movimento na área, conjugada às descrições dos tipos humanos recém-chegados e da violência característica das relações humanas na área², a falta de números sobre a população e seus grupos-chave, tornou difícil uma verdadeira avaliação dos problemas enfrentados e das possibilidades reais de solução. Alguns trabalhos pioneiros³ apresentaram estimativas de população baseadas no crescimento de Porto Velho, ou nos dados do Centro de Triagem dos Migrantes (CETREMI), ou ainda, em fontes secundárias, mas a credibilidade das fontes e a qualidade das informações eram duvidosas.

Antes do Levantamento Sócio-Demográfico, duas eram as fontes para estudos descritivos sobre os colonos, as Fichas de Identificação e o Levantamento Sócio-Econômico. Seguem-se a natureza e o conteúdo de cada fonte.

3.1 — As Fichas de Inscrição

As chamadas Fichas de Identificação do Colono (IC) são formulários para serem preenchidos pelo colono potencial quer nos locais de residência prévia quer no momento da chegada a Rondônia. Contêm um conjunto de informações sobre os antecedentes do candidato e de sua família que, avaliado de acordo com certos critérios, estabelece se o candidato deve ou não tornar-se um colono.

As informações contidas nas Fichas de Inscrição são:

a — Identificação do projeto

Nome;
Número.

b — Identificação do colono

Número do registro;
Nome;
Nacionalidade;
Município de nascimento;
Sexo;
Estado civil;
Data de nascimento;
Idade;

¹ Ver Bibliografias, 7, 10, 15 e 16.

² Ver Bibliografia, 8.

³ Ver Bibliografias, 5, 6, 9 e 11.

Nível educacional;
Municipalidade e regime de trabalho no local de residência prévia;
Área em exploração no local de trabalho prévio;
Municipalidade e Estado de residência prévia;
Data de chegada a Rondônia.

c — Experiência agrícola prévia dos colonos

Tipo de culturas;
Área de cada cultura;
Tipo de criação animal;
Número de cabeças de animais;
Número de anos de trabalho como autônomo;
Número de anos de trabalho como empregado.

d — Experiência dos colonos com o crédito rural

Se alguma vez obteve;
Se sim, com que fim;
Se sim, de que agente.

e — Outras informações sobre os colonos

Para quem costumava vender sua produção;
Se fez parte de alguma associação;
Se sim, qual;
Se teve alguma vez outra atividade produtiva ao lado da agricultura;
Se sim, qual.

f — Informações sobre os membros da família do colono

Nome;
Relação com o chefe do domicílio;
Sexo;
Data de nascimento;
Idade;
Estado civil;
Nível educacional.

Estas fichas nunca foram utilizadas pelo INCRA com fins analíticos. O único uso a que foram submetidas foi para estimar o grau final do candidato de forma a decidir sobre sua qualificação para tornar-se ou não um colono. Os critérios desta avaliação são complexos.

Sob minha supervisão, as Fichas de Inscrição disponíveis armazenadas na sede do INCRA, em Porto Velho, foram codificadas por uma equipe da Universidade de Brasília (UB) em 1977. Dois foram os fatores limitadores de uma análise profunda dos Projetos específicos que constituem o foco deste estudo. Primeiro, nosso universo de fichas cobria apenas 2.542 colonos de Ouro Preto e 2.641 para o Ji-Paraná. Esses valores representavam aproximadamente 50% dos colonos existentes em cada Projeto. Foi impossível localizar as demais fichas e, sobretudo, descobrir se as fichas que codificamos eram uma amostra representativa do todo. Fracassamos, por exemplo, em estabelecer — a despeito da consulta a diversos funcionários locais do INCRA — se o conjunto que codificamos pertencia aos colonos que chegaram primeiro, ou aos que permaneciam na área ou se seguiam qualquer outro critério de seletividade. Em segundo lugar, os diversos itens incluídos nos formulários

foram desigualmente preenchidos. As informações sobre o município de residência prévia, o número de anos como autônomo ou empregado, ou outras atividades econômicas, dentre outros, apresentavam um baixo nível de resposta.

3.2 — O Levantamento Sócio-Econômico do INCRA

O Levantamento Sócio-Econômico do INCRA era constituído por um conjunto de quatro questionários, dois aplicados aos colonos — Infra-Estrutura Agro-Econômica e Infra-Estrutura Social — e dois aos agregados⁴ — Levantamento Sócio-Econômico e Caracterização da Ocupação do Agregado e Infra-Estrutura Social. As informações levantadas eram extensas, mas a qualidade do preenchimento do questionário era ruim. Foi feita uma seleção de todos os itens com base nos tópicos que apresentavam, simultaneamente, um alto índice de respostas e um interesse maior para a pesquisa sócio-demográfica. Dessa maneira os itens codificados foram:

a — Identificação do lote

Número da linha (ruas de divisão dos lotes);
Número de gleba (conjunto de lotes);
Número do lote.

b — Características do produtor

Se colono ou um agregado;
Tipo de contrato de trabalho;
Se tem um número de registro no INCRA para receber um lote (se agregado);
Razão para não ocupar um lote (se agregado);
Se fora anteriormente um proprietário;
Se operou alguma vez com sistema de crédito rural;
Se recebeu assistência técnica no local de residência prévia;
Razões da mudança para Rondônia;
Estados de residência desde o nascimento.

c — Características dos membros da família do produtor

Sexo;
Relação com o chefe do domicílio;
Idade;
Município e Estado de origem;
Nível educacional;
Estado civil.

d — Tipo de exploração do lote

Se produção agrícola:

tipos de culturas;
área sob cultivo em 76/77.

Se criação de gado:

tipos de animais;
número de cabeças dos animais.

⁴ Agregados são moradores dos lotes, contratados pelos proprietários na qualidade de arrendatários, meeiros ou empregados. São freqüentemente parentes do proprietário.

e — Maquinaria e equipamento agrícola

Tipo;

Quantidade.

De acordo com o INCRA, o Levantamento Sócio-Econômico foi aplicado a todos os produtores — colonos e agregados — nos Projetos Ouro Preto e Ji-Paraná. Uma amostra de 25% dos questionários (aproximadamente 5.000) foi codificada por nossa equipe de pesquisa. Infelizmente, a qualidade do Levantamento diferiu entre os Projetos. No Ouro Preto as entrevistas foram feitas pelos técnicos do INCRA e no Ji-Paraná por membros do Exército. Dado que o questionário foi precedido por uma folha de perguntas sobre diversos documentos (tais como carteira de identidade, título de eleitor, carteira de reservista, etc.) acreditamos que os produtores do Ji-Paraná, muitos dos quais provavelmente não apresentavam os documentos pedidos, tenham ficado amedrontados pela condição dos entrevistadores. O resultado final foi que muitos dos questionários do Ji-Paraná achavam-se parcial ou completamente em branco.

3.3 — O Levantamento Sócio-Demográfico

O Levantamento constituiu-se num típico exemplo de uma operação “ensaio e erro”. Ainda que tivéssemos já um conhecimento profundo da área quando decidimos empreender um levantamento, as dificuldades físicas que cercaram o trabalho de campo impuseram-nos uma série de mudanças às decisões previamente tomadas.

Tivemos, durante o trabalho de campo, o apoio do INCRA, que nos forneceu um jipe com chofer e gasolina. Nossa equipe achava-se composta de 13 entrevistadores, três dos quais eram os investigadores envolvidos permanentemente com o Projeto. Desses, quatro eram homens e nove, mulheres. Metade da equipe ficou no Ouro Preto, sob a direção de Maria Helena Henriques e o resto da equipe foi mandada para o Ji-Paraná sob a supervisão de José Luiz Petrucelli. O trabalho de campo durou quase dois meses e as dificuldades logísticas relacionadas ao mesmo foram grandes ⁵.

A seleção da amostra sofreu, se comparada ao planejamento inicial, algumas mudanças em função das dificuldades logísticas. A idéia original era aplicar questionários a uma subamostra dos questionários do Levantamento Sócio-Econômico realizado pelo INCRA e por nós codificada. Tal escolha tinha como objetivo obter dois conjuntos de informações — de um lado as do Levantamento Sócio-Econômico, realizado em 1978 e do outro, as do Levantamento Sócio-Demográfico, realizado em 1980 — para o mesmo colono e sua família. Codificáramos 1.250 questionários do Levantamento Sócio-Econômico, correspondentes a uma amostra aleatória de 25% do número total de ques-

⁵ O dia de trabalho se estendia por 12 horas, com o transporte até o local da entrevista consumindo uma parte considerável do mesmo. A média de entrevistas diárias por entrevistador era três ou quatro, devido às longas caminhadas para se chegar aos lotes selecionados. Nossa alimentação no campo foi parca e isso contribuiu, juntamente com as condições climáticas da Amazônia, para que vários entrevistadores adoecessem. No Projeto Ouro Preto tivemos que nos valer de um helicóptero para atingir os lotes mais distantes e da hospitalidade dos colonos que nos abrigaram, com as nossas redes, em suas casas.

tionários. Tomando a estrutura etária que surgiu da amostra do Ouro Preto, decidimos ter 400 questionários em cada Projeto para o Levantamento Sócio-Demográfico. Esse número capacitar-nos-ia a estimar as taxas específicas de fecundidade por grupos quinquenais de idade com uma certa estabilidade, tomando-se em consideração a forma da estrutura etária.

Contudo, quando o sorteio dos 400 endereços foi feito, verificamos que os lotes mostravam-se muito espalhados no mapa que tínhamos do Projeto. Ainda assim, decidimos testar essa estratégia, para verificar quantos questionários poderíamos fazer num dia de trabalho de campo. Dois dias depois compreendemos que as distâncias implícitas eram tão grandes que todo o grupo estava fazendo no máximo três entrevistas. Além do mais, parte da equipe tinha que ficar na sede do Projeto, pois o jipe não podia fazer o itinerário completo todos os dias. Esse tipo de consideração fez-nos decidir por um outro esquema que descreveremos em seguida.

A demarcação dos lotes nos Projetos de Colonização Dirigida em Rondônia obedece aos mesmos critérios de organização utilizados em experiências anteriores. Os lotes são localizados diametralmente opostos a uma "linha", nome dado às estradas não-pavimentadas que dividem os lotes. Chama-se gleba a um conjunto de lotes e de POP a um conjunto de glebas. Não há um limite *a priori* para cada um desses conjuntos, isto é, há uma variação no tamanho dos POP's e das glebas. Existe, contudo, certa diferenciação sócio-econômica ao nível dos POP's, no sentido de que os POP's mais antigos apresentam melhores condições estruturais, não porque sejam mais antigos, mas porque são mais próximos as sedes dos Projetos, tendo assim, acesso mais fácil aos canais de comunicação, notadamente às estradas, facilidades de armazenamento e acesso ao crédito. Selecionamos, então, dentro de cada POP um certo número de glebas proporcional ao tamanho do POP e entrevistamos todos os colonos nas glebas selecionadas. A tabela 1 mostra o número de lotes segundo o POP onde as entrevistas foram realizadas, em cada Projeto.

TABELA 1

NÚMERO DE LOTES VISITADOS POR PROJETO, SEGUNDO O POP

POP	NÚMERO DE LOTES VISITADOS POR PROJETO	
	Ouro Preto (1)	Ji-Paraná (2)
TOTAL	400	400
1.....	49	120
2.....	49	44
3.....	78	56
4.....	154	67
5.....	69	71
Sem declaração.....	1	42

FONTE — Levantamento Sócio-Demográfico — 1980, IBGE.

NOTA — Define-se POP como um conjunto de glebas, as quais compreendem um conjunto de lotes.

(1) A identificação dos POP's no Ouro Preto baseou-se em números seriais — 1, 2, 3, 4 e 6, faltando o POP 5. (2) A identificação dos POP's no Ji Paraná baseou-se em seus nomes, correspondendo, os números da tabela, aos seguintes POP's: Ji-Paraná, Tatu, Abaitará, Rolim de Moura e Prosperidade.

O questionário era razoavelmente extenso, demorando sua aplicação em média uma hora. Ele tanto tinha questões abertas quanto fechadas, sem codificação *a priori*. Seu conteúdo achava-se organizado da seguinte forma:

- Identificação do lote
Nome do Projeto, localização, distância da Rodovia BR-364.
- Identificação do colono
Se colono ou agregado, sexo, estado civil e nível educacional.
- Características do domicílio
Tipo de construção, suprimento de água, instalações de esgoto, melhorias feitas nos lotes.
- Composição familiar
Para cada membro da família: relacionamento com o chefe da família, sexo, idade, estado civil, nível educacional, regime de trabalho (se trabalhando em casa, no campo, ou não), e renda no mês anterior.
- Filhos ausentes
Idade atual, sexo, estado civil, nível educacional, local de residência atual; se trabalha, a atividade principal e setor, contribuição para renda familiar (montante dos valores remetidos), se viviam no lote e razões para a saída.
- História de gestações
Data do nascimento, sexo e estado de sobrevivência de todos os nascidos.
- Informações sobre morbidade
Doenças no domicílio durante o mês anterior ao da entrevista, se interrompidas as atividades normais, se as pessoas doentes foram vistas por pessoas qualificadas e despesas com a saúde no mês anterior.
- Informações sobre mortalidade
Mortes no domicílio antes da mudança para Rondônia (idade, data, causa).
- História migratória
Município e Estado de nascimento, residência prévia, e anterior à residência prévia; duração da residência prévia e razões para migração para Rondônia, tipo de trabalho no local de residência prévia, intenções de ficar ou partir de Rondônia e razões.
- Atitudes quanto à permanência
Se pretende vender o lote e por quê, se crê que os filhos permaneceriam no lote e por quê.
- Comparações com a situação prévia
Se a terra era própria, se era arrendatário, trabalhador assalariado na residência prévia, datas de chegada a Rondônia e ao lote,

forma inicial de ocupação do lote (autorizado ou não, etc.) e seu tamanho, principais dificuldades ao tempo da chegada, depois de receber o lote e no presente, avaliação geral da situação em comparação com a prévia.

— Produção

Para cada cultura, se interplantada, se sob meação, volume da produção e uso para o consumo familiar, consumo animal e venda (quanto), montante perdido e razões para a perda; criação de animais, área de pastos, área planejada para culturas no próximo ano agrícola.

— Extração da madeira

Tipo de madeira, volume, canais de comercialização e preço por metro cúbico.

— Consumo alimentar

Itens e quantidades, se produzido no lote ou comprado (a que custo) ou obtido através de troca.

— Relacionamento com o mercado de trabalho

Membros da família trabalhando fora do lote, se em forma permanente ou temporária, onde, dias anuais de trabalho e salário percebido; número de agregados, trabalhadores permanentes ou temporários, empregados na semana anterior e nos seis meses anteriores no lote; parcela da produção vinda da família do agregado.

— Assistência técnica

Se recebida, de que instituição, se útil.

— Acesso ao crédito

Se recebido, quanto, de que instituição (banco ou particular).

— Filiação a cooperativas

Se membro, opinião sobre seu funcionamento, se não é membro, por quê; se membro no local de residência prévia.

— Sindicatos

Conhecimento sobre algum sindicato rural na área, se sim, se é membro, se não, por que não; se participou de algum sindicato no local de residência prévia.

— Consumo de bens duráveis

Itens ao tempo da chegada e ao tempo do levantamento, valor monetário estimado de cada item ao tempo da chegada e ao presente.

— Insumos agrícolas (fertilizantes, inseticida, etc.)

Se usado, e despesas com cada um.

O sentimento comum dos entrevistadores foi que, a despeito da extensão do questionário, ele foi geralmente bem entendido e bem respondido. Certos itens, no entanto, apresentaram certas dificuldades específicas, que relacionamos a seguir.

O item, no início do questionário, sobre a distância do lote à estrada principal — para nós a BR-364 —, foi interpretado como a distância do lote à estrada principal mais próxima. Mesmo quando esclarecíamos ao colono que a questão se referia à BR-364, em alguns casos ele não sabia a distância do lote à estrada de referência. Para corrigir esse problema, durante a fase de codificação, foi feita uma conversão das distâncias de todas as estradas citadas à BR-364.

Um outro exemplo das dificuldades relacionadas ao entendimento da pergunta disse respeito à questão sobre problemas ou dificuldades encontradas após a recepção do lote. A primeira reação dos colonos era responder “nenhuma” e apenas após alguma insistência da parte do entrevistador, ele tentaria uma resposta diferente. Parece que a vida cotidiana do colono é tão dificultosa que esses obstáculos fazem parte do dia a dia e não são mais percebidos como tais. A questão acerca do consumo de produtos pertencentes à cesta familiar também apresentou dificuldades, não no que se relaciona aos itens da lista de consumo, mas à sua quantidade. Por isso, só foram codificadas as quantidades de milho, arroz e feijão. Para os outros itens anotamos apenas se o produto era produzido no lote ou comprado.

Dois ainda foram os casos de questões que permaneceram completamente distantes do universo dos colonos. O primeiro relacionava-se a renda percebida no mês anterior. Dado que a grande maioria dos colonos consome apenas o que produz ou obtém através da troca e quando recebe algum dinheiro é para gastos imediatos, a resposta à questão ficou portanto prejudicada. Da mesma maneira, provou ser difícil obter uma resposta à questão sobre o valor monetário dos bens em posse dos colonos à época da chegada e do Levantamento. Por isso, só o tipo de bens duráveis mencionado, e não seu valor, foi codificado.

O Levantamento provou ser um instrumento muito útil no entendimento da realidade das áreas levantadas e esperamos que a riqueza de informações nele contidas sirva como base a muitos estudos na região.

4 — AS CONDIÇÕES DE VIDA E NÍVEIS DE SAÚDE DOS COLONOS

Foi possível ter uma idéia das condições de vida através do exame das informações sobre materiais de construção, acesso a água e esgoto. A tabela 2 fornece esse conjunto de informações.

A grande maioria dos trabalhadores tinha casa de madeira, frequentemente obtida na limpeza do terreno. Em Ouro Preto, mais da metade, independente da propriedade da terra, tinha casas de tábuas de madeira. No Ji-Paraná a situação é mais precária. Uma grande proporção dos colonos e a maioria dos agregados vive em cabanas de troncos. De forma geral, essas casas são pequenas, tendo uma sala e um ou dois quartos onde dormem todos os membros da família e onde também a comida é armazenada. As casas apresentam fendas entre os troncos e são tão parcamente construídas que se torna difícil prevenir a entrada de mosquitos transmissores de doenças. É claro, também, tanto por observação, quanto pelos dados dos agregados que a sua situação é a pior.

A água encanada e as instalações de esgoto são quase inexistentes. Novamente, Ouro Preto parece estar melhor que Ji-Paraná e, dentro

TABELA 2

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS E AGREGADOS, POR PROJETO, E DOS DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES RURAIS EM RONDÔNIA, SEGUNDO ALGUMAS CARACTERÍSTICAS — 1980

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO				
	Colonos		Agregados		Domicílios particulares permanentes rurais em Rondônia
	Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná	
NÚMEROS ABSOLUTOS					
TOTAL	298	329	101	68	48 681
NÚMEROS RELATIVOS (%)					
Tipo de construção da casa (1)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
De tijolos	10,74	4,25	3,96	1,47	77,33
De tábuas de madeira	58,39	40,12	51,49	29,41	
De adóbe	7,38	9,73	12,87	11,77	22,16
Cabanas	17,11	42,25	27,72	57,35	
Outro	6,04	1,52	1,98	—	0,51
Sem declaração	0,34	2,13	1,98	—	—
Tipo de abastecimento de água	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Com canalização interna	10,40	3,95	5,94	1,47	5,46
Poço ou nascente	9,06	3,95	4,95	1,47	3,37
Outro	1,34	—	0,99	—	2,09
Sem canalização interna	89,60	95,74	93,07	97,06	94,54
Poço ou nascente	85,58	90,88	88,12	92,65	84,04
Outro	3,02	4,86	4,95	4,41	10,23
Sem declaração	1,00	0,31	0,99	1,47	0,27
Tipo de instalação sanitária	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Fossa	28,19	22,19	16,83	7,35	20,19
Séptica	5,37	1,51	0,99	1,47	2,75
Rudimentar	22,82	20,68	15,84	5,88	17,44
Outro	1,68	0,91	—	—	3,12
Nenhuma	69,12	76,90	80,20	92,65	73,31
Sem declaração	1,01	—	2,97	—	3,38

FONTES — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980 e Censo Demográfico — 1980: Famílias e Domicílios — Rondônia, tabelas 2.2 e 2.13, p. 57 e 81, IBGE.

(1) Tentou-se uma equivalência entre a informação sobre esse item obtida na pesquisa e a informação sobre o tipo de construção da casa indagada no Censo Demográfico. Nesse, chamam-se "domicílios permanentes duráveis" aqueles localizados em prédios em cuja construção predominassem paredes de alvenaria ou madeira aparelhada e "domicílios permanentes rústicos" aqueles localizados em prédios em cuja construção não predominassem paredes de alvenaria ou madeira aparelhada. Para essas definições, consultas ao volume do Censo Demográfico referido acima, p. XXXII — XXXIII.

de cada área, os colonos estão melhor que os agregados. Contudo, a provisão de recursos é tão precária que há amplo espaço para melhoria nas duas situações.

Ao comparar os dados, provenientes da pesquisa, sobre as condições de vida dos colonos com as condições encontradas para a população rural, provenientes do Censo, fica claro que os colonos estão em pior

situação. A percentagem de domicílios permanentes (77,33%) encontrada no Censo era maior do que a soma das percentagens das casas construídas com tijolos ou tábuas de madeira, encontrada nos lotes de qualquer um dos Projetos; a percentagem de população servida por água era semelhante mas, no caso de esgoto, os colonos se encontram francamente atrás.

Com esses padrões de vida é de se esperar que as condições de saúde dos colonos e agregados sejam deficientes. Isso sem falar que, por pertencerem a uma classe mais baixa, eles já pertencem à grande parcela carente da população, o que só piora seu padrão de saúde.

Como apontamos, a infra-estrutura física é insuficiente para cobrir as necessidades dos colonos e agregados. Junte-se a isso que a possibilidade de ocupação produtiva do lote e a conseqüente permanência na área dependem, principalmente, da utilização intensiva do trabalho do colono e de sua família. Isso faz de seu estado de saúde um fator de importância decisiva: uma doença na família de um colono pode significar não apenas a impossibilidade de obter a subsistência de seu lote, mas também a necessidade de vendê-lo para pagar as despesas com médicos e remédios .

É, de fato, crença comum na área que o abandono e/ou venda dos lotes por seus primeiros donos é freqüentemente devido a doenças. Enfraquecidos por sua condição anterior de trabalhadores despossuídos e tendo que andar grandes distâncias para alcançar as culturas, os canais de comercialização e o local do Projeto, os colonos consumiam, por vezes, suas últimas energias na limpeza da floresta e na abertura de pequenas estradas, ou eram abatidos pela malária ou pela hepatite, tão freqüentes na região. Dessa maneira, o lote, com seu valor acrescido pelo trabalho de desmatamento do colono, é vendido para pagar as despesas de saúde.

A análise da interrupção do trabalho em 1980 entre colonos e agregados vítimas de doenças no mês anterior ao Levantamento e do tipo de cuidado médico recebido, fornece uma idéia das condições de saúde da população da área (Tabela 3). Notamos que uma proporção significativa de colonos e agregados teve que interromper o trabalho pelo menos uma vez, por questões de saúde. A freqüência com que isso acontece é similar nos dois Projetos, sendo por volta de 65% no caso dos colonos e 57%, no caso dos agregados. O número menor para os agregados não significa que sejam mais saudáveis, mas que, mesmo doentes, eles não podem parar de trabalhar, pois dependem do proprietário da terra para sua subsistência. Quanto ao tipo de doença, o Levantamento apontou a malária (11,1% no Ouro Preto e 6,5% no Ji-Paraná) e a gripe (21% no Ouro Preto e 23,9%, no Ji-Paraná) como as mais comuns. A primeira tem como sintomas, ataques de febre alta, dores no corpo e a impossibilidade de trabalhar de um a três meses. É importante mencionar que a grande maioria dos colonos, mesmo desconhecendo o nome da doença, indicou sentir fraqueza, exaustão, falta de energia, que foram agrupadas sob a grande categoria "outras" doenças.

TABELA 3

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS E AGREGADOS, POR PROJETO, SEGUNDO A OCORRÊNCIA DE INTERRUPÇÃO DA ATIVIDADE NORMAL E O TIPO DE ATENDIMENTO RECEBIDO — 1980

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO			
	Colonos		Agregados	
	Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná
NÚMEROS ABSOLUTOS				
TOTAL	205	241	63	32
NÚMEROS RELATIVOS (%)				
Interromperam a atividade normal	100,00	100,00	100,00	100,00
Sim.....	68,7	62,2	58,7	56,3
Não.....	14,2	24,9	14,3	25,0
Sem declaração.....	17,1	12,9	27,0	18,7
Tipo de atendimento recebido	100,00	100,00	100,00	100,00
Médico.....	55,2	49,2	47,6	46,9
Na farmácia.....	15,3	18,3	15,9	28,1
Outro.....	3,0	1,2	—	—
Nenhum.....	12,3	25,0	14,3	12,5
Sem declaração.....	14,2	6,3	22,2	12,5

FONTE — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

No que tange aos cuidados recebidos, uma proporção significativa dos trabalhadores não foi vista por qualquer médico. No Ji-Paraná, notamos que aproximadamente 30% dos agregados se consultaram em farmácias. Isto se deve dar em função de que lá existem menos serviços de saúde e de mais difícil acesso em função da precariedade dos serviços de transporte. Além do mais, dado que as percentagens de colonos nos dois Projetos eram similares e que a rede de serviços de saúde é quase toda privada, isso é um indicador embora precário, dos recursos gastos pelo trabalhador rural com serviços de saúde.

Em geral, dados sobre morbidade são de natureza complexa. Para o tipo de população considerada no Levantamento, os sintomas podem ter sido interpretados como doenças. E, se os níveis de nutrição são deficientes, como deixa perceber o quadro das condições de vida, é de se esperar que os níveis de morbidade dos colonos e agregados em Rondônia sejam mais altos do que os encontrados em outras regiões brasileiras. A disponibilidade de informação comparável a nível das macrorregiões brasileira permitiu traçar um quadro de referência dessa questão ⁶.

⁶ Os dados são provenientes do suplemento Saúde da PNAD-81.

Na tabela 4 apresentam-se indicadores de saúde selecionados. São eles: a ocorrência de problemas de saúde nas duas semanas que precederam a data da entrevista, se a doença levou a uma interrupção da atividade e o tipo de assistência procurada. A população urbana informou uma maior incidência de problemas de saúde, provavelmente indicando ser isso função da maior disponibilidade ali de serviços de saúde. Os níveis encontrados em Rondônia quanto a interrupção da atividade normal devido a problemas de saúde, níveis e padrão de assistência procurada se enquadram nos níveis encontrados no resto do Brasil. As proporções de colonos e agregados que não procuraram assistência profissional durante a doença mencionada são mais elevadas do que qualquer das proporções encontradas nas Grandes Regiões brasileiras. Mas, de uma maneira global, a comparação parece brindar confiabilidade aos níveis encontrados nas pesquisas.

TABELA 4

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO, POR GRANDES REGIÕES, SEGUNDO INDICADORES DE SAÚDE SELECIONADOS — 1981

INDICADORES DE SAÚDE SELECIONADOS	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte (1)	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Ocorrência de problemas de saúde nas 2 semanas anteriores à pesquisa.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Zona urbana.....	78,1	—	64,0	88,0	65,4	83,5
Zona rural.....	21,9	—	36,0	12,0	34,6	16,4
Interrupção da atividade normal	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Sim.....	66,3	71,6	65,8	64,0	72,4	64,8
Não.....	33,7	28,4	34,2	36,0	27,6	35,2
Tipo de atendimento procurado	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Médico, dentário e de enfermagem.....	60,5	53,0	52,2	65,3	59,6	58,6
Na farmácia.....	12,2	11,1	11,3	10,9	16,0	13,5
Outro.....	0,9	0,9	1,2	0,6	1,1	1,2
Mais de um tipo de atendimento.....	2,0	1,7	1,8	1,9	2,4	2,3
Nenhum.....	24,4	33,3	33,5	21,3	20,9	24,4

FONTE — Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios — 1981 : Brasil e Grandes Regiões, tabelas 10.2, 10.4 e 10.5 ; Brasil, p. 67-9 ; Região Norte, p. 155-7 ; Região Nordeste, p. 244-5 ; Região Sudeste, p. 335-7 ; Região Sul, p. 425-7 e Região Centro-Oeste, p. 515-7 ; IBGE.

1) Excluído os dados da zona rural.

5 — CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

Nessa seção examinam-se as características demográficas básicas dos produtores — colonos e agregados. A estrutura etária, os níveis de crescimento natural e indicadores do perfil migratório foram selecionados pela sua importância na caracterização da dinâmica demográfica.

Os dados das Fichas de Inscrição e do Levantamento Sócio-Demográfico são comparados na tentativa de estabelecer a extensão da rotatividade entre os produtores. Já que as características examinadas são de natureza estável para um período tal como o compreendido pelas duas fontes de dados, são esperadas distribuições similares caso os colonos das Fichas de Inscrição sejam os mesmos que tenham respondido ao Levantamento.

5.1 — A estrutura etária

As idades dos produtores são apresentadas na tabela 5. Faz-se uma comparação com a estrutura etária dos chefes de família na população rural de Rondônia.

TABELA 5

ESTRUTURA ETÁRIA DOS PRODUTORES, POR FONTE DE DADOS E PROJETOS, E DOS CHEFES DE FAMÍLIA NA POPULAÇÃO RURAL DE RONDÔNIA, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE

GRUPOS DE IDADE	ESTRUTURA ETÁRIA				Chefes de família na população total de Rondônia
	Produtores				
	Fontes de dados e projetos				
	Fichas de Inscrição		Levantamento Sócio-Demográfico (1)		
	Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná	
	NÚMEROS ABSOLUTOS				
TOTAL	2 511	2 609	398	396	102 066
	NÚMEROS RELATIVOS (%)				
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Até 29 anos.....	15,9	20,7	14,3	16,3	30,0
30 a 34 anos.....	16,1	16,0	11,6	10,8	15,0
35 a 39 anos.....	15,5	16,4	11,8	13,6	12,7
40 a 44 anos.....	15,6	12,9	13,8	15,9	11,4
45 a 49 anos.....	13,1	14,0	14,8	14,1	9,0
50 a 54 anos.....	10,8	10,2	10,8	9,3	8,0
55 anos e mais.....	13,0	9,8	19,5	19,6	13,9

FONTES — Fichas de Inscrição, INCRA e Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980; Censo Demográfico — 1980: Famílias e Domicílios — Rondônia, tabela 1.7, p.18, IBGE.

1) (Excluídas as pessoas de idade ignorada.

Como será visto nessa seção, 90% dos colonos das Fichas de Inscrição chegaram antes de 1975, o que faz parecer estranha a comparação entre as estruturas etárias que emergem das duas fontes de dados. A idade média do primeiro conjunto de dados era 41,3 para os colonos de Ouro Preto e 40 para os do Ji-Paraná. Em 1980 o mesmo indicador era de 42 e 42,8 respectivamente. Se os colonos nas duas

fontes fossem os mesmos, os segundos valores teriam que ser bem mais elevados posto que algum tempo teria transcorrido entre o momento da chegada, registrado na Ficha IC e o momento do Levantamento.

A estrutura etária dos chefes de família na população total, por outro lado, é mais jovem do que qualquer uma das outras. Isto significa que os posseiros, meeiros e todos os outros tipos de trabalhadores rurais que não os colonos chegaram a Rondônia em uma idade mais jovem. É possível, portanto, que os migrantes diretamente ligados à colonização dirigida constituam um grupo de jovens casais, enquanto que os migrantes espontâneos estejam mais representados como adultos jovens, que chegam sozinhos e em Rondônia constituem família, depois de achar uma fonte de sobrevivência. Os dados já mencionados sobre as razões de masculinidade e indicadores de nupcialidade encontrados na população rural de Rondônia apóiam esta hipótese.

5.2 — O crescimento natural

Foi possível estimar diretamente os níveis de fecundidade via Fichas de Inscrição e Levantamento Sócio-Demográfico. No que se relaciona à mortalidade as dificuldades foram maiores. Por um lado, só o Levantamento Sócio-Demográfico continha informações com esse objetivo, por outro, mesmo neste o número de casos obtidos não foi suficiente para uma estimativa confiável. Assim, lidamos com indicadores indiretos.

As taxas de fecundidade foram estimadas a partir das Fichas de Inscrição, pela relação dos membros da família e suas idades. As crianças de menos de 1 ano foram selecionadas, em 1975, como o numerador e o número de mulheres-ano em 1975 serviu como denominador para estabelecer as taxas específicas de fecundidade por idade. Quanto ao Levantamento, a presença de uma história de gestações viabilizou a estimativa direta, sendo as taxas referentes a 1980. Não se tentou uma correção da informação básica a não ser um ajustamento para tornar as idades das mães compatíveis com o ano de nascimento dos seus filhos. No caso do Levantamento Sócio-Demográfico, dado que o trabalho de campo ocorreu em junho/julho de 1980, as taxas anuais se referem ao segundo semestre de 1979 e ao primeiro de 1980. Dado que a informação proveniente das Fichas IC retrata os filhos sobreviventes, posto que foi obtida da lista de membros residentes no domicílio, a estimativa decorrente do Levantamento Sócio-Demográfico foi também referida apenas aos filhos sobreviventes, a fim de permitir comparações. A tabela 6 apresenta os dois conjuntos de taxas.

As taxas específicas de fecundidade por idade mostram um padrão jovem e um nível elevado. De acordo com essas taxas, a fecundidade experimentou um declínio de um filho no período de cinco anos. As Fichas de Inscrição apresentavam a fecundidade no momento da seleção, e, sendo o tamanho da família um dos critérios de seleção dos colonos, era de se esperar uma alta fecundidade entre os colonos selecionados. O declínio da fecundidade foi uma descoberta inesperada frente às características da população e à suposta pressão em direção à alta fecundidade. Não se observaram sinais de um controle da natalidade e uma hipótese plausível para a queda da fecundidade é um aumento nos níveis da mortalidade fetal e infantil.

TABELA 6

**TAXAS ESPECÍFICAS DE FECUNDIDADE, POR FONTE DE DADOS,
SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE DAS MÃES**

GRUPOS DE IDADE DAS MÃES	TAXAS ESPECÍFICAS DE FECUNDIDADE	
	Fichas de Inscrição	Levantamento Sócio-Demográfico
Taxa de fecundidade total.....	7,95	6,93
15 a 19 anos.....	137,2	264,7
20 a 24 anos.....	444,4	359,6
25 a 29 anos.....	355,8	231,5
30 a 34 anos.....	344,6	239,6
35 a 39 anos.....	192,0	150,4
40 a 44 anos.....	102,0	112,1
45 a 49 anos.....	13,5	27,4

FONTES — Fichas de Inscrição, INCRA e Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

NOTA — Dados relativos aos Projetos Ouro Preto e Ji-Paraná combinados.

A informação sobre mortes fetais recolhida no Levantamento é de qualidade duvidosa. Algumas mulheres, por exemplo, insistiam que haviam abortado uma criança de sexo conhecido; outras se referiam às perdas fetais com nomes próprios. Apesar dos esforços de se ter uma história de gestações tão fidedigna quanto possível, optou-se por reunir em uma mesma categoria os natimortos e os filhos mortos na crença de que a declaração da informação por parte das mulheres confundiu os três tipos de perdas — mortes fetais, natimortos e crianças mortas a uma tenra idade.

A tabela 7 registra o número médio de gestações, filhos sobreviventes e mortes fetais e infantis. O número médio de gestações, como função cumulativa da idade, indica um alto nível de fecundidade posto que as mulheres ao final do seu período reprodutivo informaram um número médio de gestações próximo de dez, sendo que 1/5 dessas gestações terminaram ou em morte fetal ou em morte infantil. As cifras do Censo de 1980 para a população rural de Rondônia, por outro lado, forneceram 3,77 como o número médio de filhos nascidos vivos, 0,27 como o número médio de natimortos e 3,24, como o número médio de filhos sobreviventes, por mulher⁷. Acrescentando-se o número de natimortos ao de filhos mortos a fim de se obter uma informação comparável à registrada na tabela 7, tem-se como resultado 0,80 que representa apenas 65% do valor encontrado no Levantamento.

Como conclusão, pode-se dizer que os níveis de fecundidade encontrados entre os colonos e agregados dos Projetos de Ouro Preto e Ji-Paraná foram elevados. O número médio de filhos sobreviventes registrado nesse grupo foi mais alto em uns 50% do que a cifra encontrada na população rural recenseada em Rondônia. Este fato indica que os

⁷ A informação do Censo de 1980 sobre os natimortos, como já mencionado no artigo anterior, está sob suspeita de conter uma sobreestimação do nível real de natimortalidade. Ela contém provavelmente algumas perdas fetais e mortes infantis.

Os valores mencionados foram derivados da informação bruta, ver Bibliografia, 2. Tabelas 4.1 e 4.2, p. 134-6.

TABELA 7

NÚMERO DE MULHERES, GESTAÇÕES, FILHOS SOBREVIVENTES, MORTES FETAIS E INFANTIS E RESPECTIVOS NÚMEROS MÉDIOS, POR MULHER, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE DAS MÃES

GRUPOS DE IDADE DAS MÃES	NÚMEROS ABSOLUTOS				NÚMEROS MÉDIOS, POR MULHER		
	Mulheres	Gestações	Filhos sobreviventes	Mortes fetais e infantis	Gestações	Filhos sobreviventes	Mortes fetais e infantis
TOTAL	676	4 126	3 286	840	6,10	4,86	1,24
15 a 19 anos.....	34	49	30	19	1,44	0,88	0,56
20 a 24 anos.....	89	244	198	46	2,74	2,22	0,52
25 a 29 anos.....	108	443	364	79	4,10	3,37	0,73
30 a 34 anos.....	96	532	434	98	5,54	4,52	1,02
35 a 39 anos.....	113	761	623	138	6,73	5,51	1,22
40 a 44 anos.....	107	883	717	166	8,25	6,70	1,55
45 a 49 anos.....	73	663	524	139	9,08	7,18	1,90
50 a 54 anos.....	56	551	396	155	9,84	7,07	2,77

FONTE — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

NOTA — Dados relativos aos Projetos Ouro Preto e Ji-Paraná combinados.

colonos estão se reproduzindo a uma taxa mais alta, especialmente levando-se em conta que também estão experimentando mortes de crianças a uma maior incidência do que na população rural como um todo.

A série de perguntas sobre a incidência de mortes no domicílio depois da transferência para Rondônia forneceu evidência adicional sobre o alto nível de mortalidade ali existente. Em Ouro Preto ocorreu uma morte em 26,6% dos domicílios, enquanto que em Ji-Paraná essa percentagem chegou a apenas 13,8%, provavelmente em função do período de residência mais curto dos produtores de Ji-Paraná comparados aos de Ouro Preto, como veremos mais adiante. Nessas mortes o peso da mortalidade infantil foi alto, chegando a 50% em Ouro Preto e 44% em Ji-Paraná.

Em resumo, a reprodução da população nos Projetos se dá a níveis elevados e com um alto custo social. Esse último é visível no grande número de gestações que ocorrem entre as mulheres diante de sua saúde depauperada, sendo portanto mais um fator nessa direção, e do considerável número de mortes infantis.

5.3 — Os padrões migratórios

Os produtores são, quase por definição, migrantes. Mais de 99% deles em ambos os Projetos nasceram em outros Estados que não Rondônia. Três peças de informação sobre a migração foram avaliadas em bases comparativas: o Estado de nascimento, o Estado de residência anterior e o ano de chegada em Rondônia. No Levantamento Sócio-Demográfico a duração de residência anterior foi também obtida.

A primeira tabela em exame, tabela 8, refere-se ao Estado de nascimento e ao de residência anterior. Seguem-se os resultados.

TABELA 8

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR FONTE DE DADOS E PROJETOS, SEGUNDO O ESTADO OU REGIÃO DE NASCIMENTO E O ESTADO OU REGIÃO DE RESIDÊNCIA ANTERIOR

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR FONTE DE DADOS E PROJETOS			
	Fichas de Inscrição		Levantamento Sócio-Demográfico	
	Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná
ESTADO OU REGIÃO DE NASCIMENTO				
Números absolutos.....	903	2 266	217	226
Números relativos (%).....	100,00	100,00	100,00	100,00
Região Norte e Nordeste.....	22,1	22,9	24,4	24,3
Minas Gerais.....	43,5	32,5	39,7	26,1
Espírito Santo.....	16,9	21,9	13,8	19,9
Demais Estados das Regiões Sudeste e Sul.....	16,4	21,9	15,2	15,5
Região Centro-Oeste.....	1,1	0,8	6,9	14,2
ESTADO OU REGIÃO DE RESIDÊNCIA ANTERIOR				
Números absolutos.....	903	2 266	217	226
Números relativos (%).....	100,00	100,00	100,00	100,00
Minas Gerais.....	15,1	6,1	12,0	4,9
Espírito Santo.....	16,2	21,2	18,9	19,0
Paraná.....	30,1	32,3	23,5	35,0
Mato Grosso.....	30,5	33,4	35,0	32,7
Demais Estados.....	8,1	7,0	10,6	8,4

FONTES — Fichas de Inscrição, INCRA e Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

As distribuições por local de nascimento de cada uma das fontes apresentaram locais de concentração similares. O Estado de origem mais freqüente é Minas Gerais, seguido por todo o grupo de Estados nordestinos. Em verdade, a percentagem de colonos de origem nortista, dentro do agrupamento do Norte-Nordeste é bem pequena. O Espírito Santo é outro Estado que deve ser destacado como expulsando seus nativos, sendo seguido de perto pelo resto dos Estados do Sudeste conjugados aos do Sul. O Centro-Oeste não é importante como local de nascimento dos migrantes. Há algumas diferenças entre as distribuições advindas de cada fonte, mas elas não são estatisticamente significativas⁸. As diferenças entre os Projetos vão na direção de favorecer

⁸ De forma a testar a diferença entre elas aplicou-se um teste estatístico para estabelecer se, apesar das diferenças aparentes, poder-se-ia dizer que as duas distribuições pertenciam a mesma população. O teste consistiu na comparação de duas amostras de forma a testar se a diferença entre elas expressadas num valor $t = \frac{\bar{D}}{s_{\bar{D}}}$, que segue uma distribuição t de Student, seria significativamente diferente da hipótese nula. Os valores estimados de t foram 0 para Ouro Preto e -0,05 para Ji-Paraná. Escolhendo-se um nível de confiança de 5% e sendo o valor de t num teste de dupla cauda com 4 graus de liberdade igual a 2,776, o teste não fornece evidências para rejeitar a hipótese nula. Ver Bibliografia, 17. Capítulo 4, p. 91-119.

os Estados do Sudeste que não Minas Gerais, os Estados do Sul e do Centro-Oeste, como lugares de origem em Ji-Paraná contra Minas Gerais em Ouro Preto.

A distribuição dos migrantes por Estado de residência anterior mostra uma concentração maior ainda que a de Estado de nascimento. Minas Gerais, Espírito Santo e, especialmente, Paraná e Mato Grosso contam como 90% dos Estados de residência anterior dos migrantes.

A maior diferença entre os Projetos é relativa à posição de Minas Gerais e do Paraná como locais de residência anterior. O primeiro é favorecido em Ouro Preto, enquanto o Paraná é o local mais freqüente no Ji-Paraná. Cada um deles responde por 1/3 dos migrantes. Estas diferenças são provavelmente função do diferente perfil quanto à data de chegada ao Projeto que é, em média, mais recente em Ji-Paraná do que em Ouro Preto.

De forma a apresentar um diagrama com os fluxos migratórios mais importantes para Rondônia, idealizou-se uma tabela combinando local de nascimento e local de residência anterior. Já que se havia estabelecido anteriormente que inexistiam diferenças significativas entre as duas fontes de dados, só são apresentados os resultados baseados no Levantamento (Tabela 9 e Diagrama 1).

TABELA 9

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR ESTADO OU REGIÃO DE NASCIMENTO, SEGUNDO OS PROJETOS E ESTADO OU REGIÃO DE RESIDÊNCIA ANTERIOR — 1980

ESTADO OU REGIÃO DE RESIDÊNCIA ANTERIOR	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS					
	Números absolutos	Estado ou Região de nascimento (%)				
		Região Nordeste	Minas Gerais	Espírito Santo	Rio de Janeiro e São Paulo	Demais Estados
OURO PRETO						
TOTAL	217	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Minas Gerais.....	26	—	25,6	6,7	6,1	—
Espírito Santo.....	41	1,9	22,1	66,6	3,0	—
Paraná.....	51	20,8	18,6	6,7	27,3	86,6
Mato Grosso.....	76	58,5	29,1	16,7	42,4	6,7
Demais Estados.....	23	18,8	4,6	3,3	21,2	6,7
JI-PARANÁ						
TOTAL	226	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Minas Gerais.....	11	—	16,9	2,2	—	—
Espírito Santo.....	43	5,5	6,8	80,0	—	—
Paraná.....	79	29,1	40,7	13,4	42,9	56,2
Mato Grosso.....	74	50,9	35,6	4,4	42,9	25,0
Demais Estados.....	19	14,5	—	—	14,2	18,8

FORTE — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

FLUXOS MIGRATÓRIOS PARA RONDÔNIA

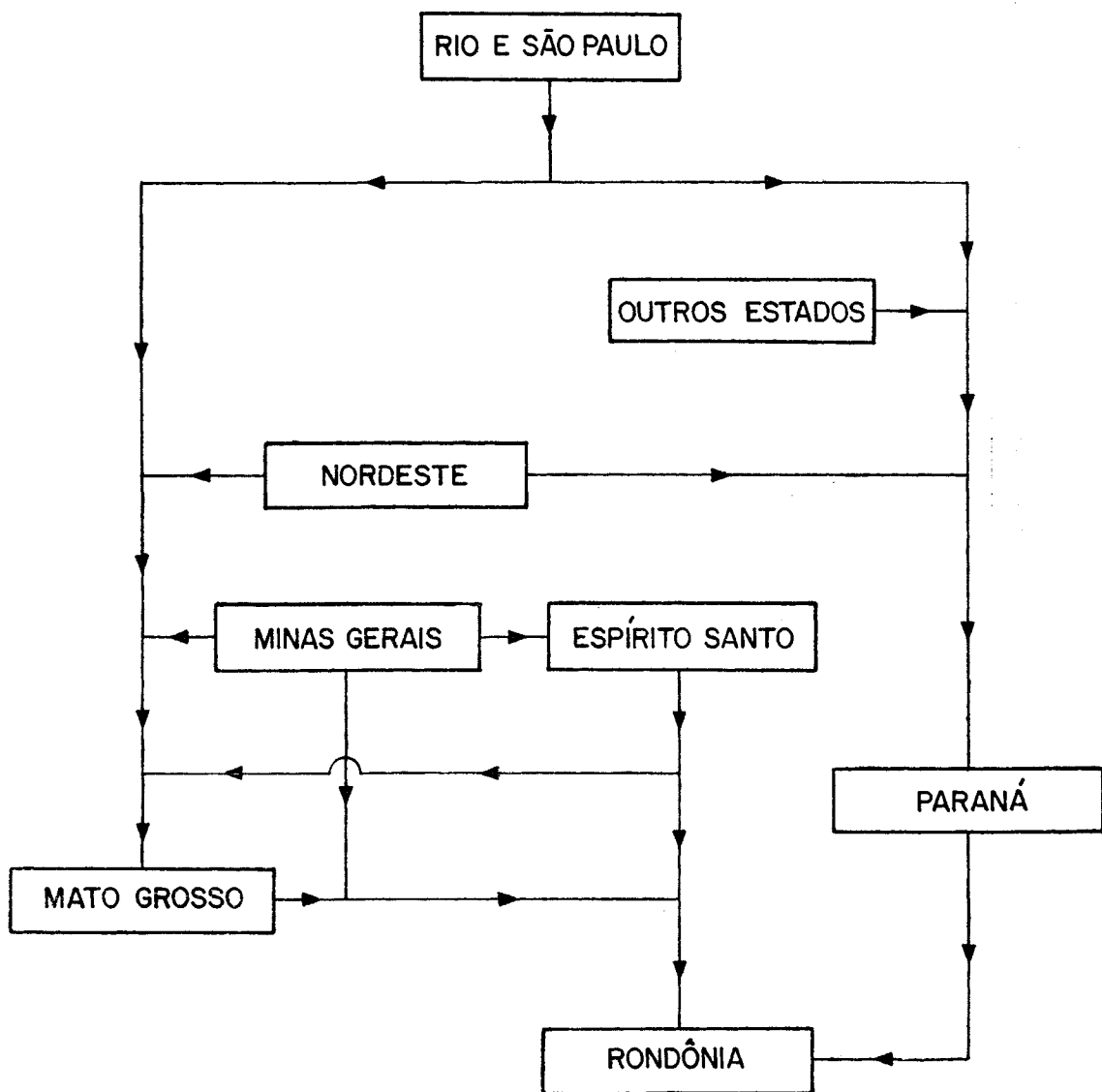


DIAGRAMA 1

Os migrantes do Rio de Janeiro e São Paulo vieram para Rondônia através, principalmente, do Mato Grosso e do Paraná, assim como fizeram suas contrapartidas nordestinas. Os migrantes vindos de Minas Gerais, por outro lado, apresentam uma proporção considerável de migração direta, mas também usam Mato Grosso como local intermediário. O mesmo é verdade para aqueles que procedem do Espírito Santo. Finalmente, os migrantes vindos de outros Estados tinham o Paraná como residência anterior. A extensão da concentração dos Estados que mandaram migrantes para Rondônia — 90% dos migrantes vêm de quatro Estados — torna fácil, se desejado, dirigir uma propaganda de desencorajamento à migração. As correntes migratórias básicas estão sumarizadas no diagrama 1.

O processo de atração-expulsão-atração que afetou os migrantes rurais no Brasil se vê claramente refletido nos dados do Levantamento. Minas Gerais e Espírito Santo são áreas que vêm tradicionalmente expulsando população. O maior volume dos novos migrantes, por outro lado, veio do Mato Grosso e Paraná, fronteiras imediatamente anteriores à Amazônia. Parece portanto que a duração da retenção dos migrantes rurais em áreas de fronteira está diminuindo. A tabela 10 fornece maiores evidências nesse sentido.

A distribuição por duração de residência anterior diferia levemente entre os Projetos. Os migrantes para Ouro Preto permaneceram 13,4 anos em média nos seus locais de residência prévia, enquanto os do Ji-Paraná ficaram em média um pouco menos, isto é, 12 anos. O aspecto mais interessante da tabela 10 é, porém, a clara diferenciação da distribuição da duração da residência segundo o Estado de residência prévia. Os migrantes de Estados de fronteira recente — Mato Grosso e Paraná — têm períodos muito mais curtos de residência do que os de Estados tradicionalmente expulsores como Minas Gerais e Espírito Santo. Isso representa uma evidência das dificuldades que as experiências de fronteira recente enfrentam para fixar os migrantes que assomavam à área.

Seguem-se de forma a fechar a descrição dos colonos como imigrantes, informações sobre o ano de chegada a Rondônia. Aqui, novamente, foram utilizadas as Fichas de Inscrição e o Levantamento Sócio-Demográfico (Tabela 11).

Tal como dito anteriormente, a distribuição dos colonos por Estado de nascimento não diferia significativamente entre as duas fontes de dados examinadas, supondo-se que os colonos entrevistados nas duas fontes seriam os mesmos. Essa suposição acabou sendo difícil de ser mantida. As distribuições por ano de chegada a Rondônia são claramente diferentes. Ainda que ambas as fontes mostrem uma concentração dos colonos semelhante para datas anteriores a 1976, o Levantamento Sócio-Demográfico indica uma duração mais longa da residência em Rondônia. Se a explicação para a descoberta fosse a grande rotatividade dos colonos, o contrário era de se esperar, isto é, pensar-se-ia que os novos colonos teriam um período mais curto de residência em Rondônia. Esse poderia ser, de fato, o caso do Ji-Paraná onde o Levantamento revelou que 37% dos colonos chegara depois de 1976, enquanto que pelos dados das Fichas de Inscrição a percentagem para esse Projeto era de 9,4%. O fato de que um número tão pequeno de Fichas de Inscrição (385) apresentasse esta informação para Ouro Preto não pode ser descartado, lançando dúvidas quanto à confiabilidade da informação.

TABELA 10

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR ESTADO OU REGIÃO DE RESIDÊNCIA ANTERIOR, SEGUNDO OS PROJETOS E TEMPO DE DURAÇÃO DA RESIDÊNCIA ANTERIOR — 1980

TEMPO DE DURAÇÃO DA RESIDÊNCIA ANTERIOR	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS					
	Números absolutos	Estado ou Região de residência anterior (%)				
		Minas Gerais	Espírito Santo	Paraná	Mato Grosso	Demais Estados
OURO PRETO						
TOTAL	237	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Até 5 anos.....	61	7,1	14,3	29,0	38,6	13,3
6 a 10 anos.....	56	7,1	12,2	20,6	33,0	18,1
11 a 20 anos.....	72	7,1	42,9	33,9	27,3	36,2
21 a 30 anos.....	26	32,1	18,4	16,5	1,1	13,3
31 anos e mais.....	22	46,6	12,2	—	—	19,1
JÍ-PARANÁ						
TOTAL	261	—	100,00	100,00	100,00	100,00
Até 5 anos.....	85	—	20,0	36,2	40,1	23,5
6 a 10 anos.....	59	—	16,0	25,5	27,1	11,8
11 a 20 anos.....	74	—	28,0	33,0	24,7	23,5
21 a 30 anos.....	27	—	24,0	5,3	4,7	17,7
31 anos e mais.....	16	—	12,0	—	3,4	23,5

FONTE — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

TABELA 11

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR FONTE DE DADOS E PROJETOS, SEGUNDO O ANO DE CHEGADA A RONDÔNIA

ANO DE CHEGADA A RONDÔNIA	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR FONTE DE DADOS E PROJETOS			
	Fichas de Inscrição		Levantamento Sócio-Demográfico	
	Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná
NÚMEROS ABSOLUTOS				
TOTAL	385	2 075	298	318
NÚMEROS RELATIVOS (%)				
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00
Até 1972.....	17,7	15,8	44,7	24,9
1973.....	17,9	25,0	23,5	15,1
1974.....	19,5	18,8	7,7	11,0
1975.....	30,9	31,0	5,7	12,3
1976.....	11,9	9,4	10,7	15,4
1977 e mais.....	2,1	—	7,7	21,3

FONTES — Fichas de Inscrição, INCRA e Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

A situação dos agregados caracteriza-se na sua maior parte por uma residência mais curta em Rondônia. De acordo com o Levantamento, 59% deles chegaram depois de 1975 em Ouro Preto, elevando-se este valor para 74%, para os agregados do Ji-Paraná.

Essa descoberta sugere que um processo de renovação dos colonos esteja em andamento. Se a condição de agregado representa um tipo de situação temporária e após algum tempo os agregados se tornam colonos, uma proporção considerável dos atuais colonos deveria ter sido agregados antes de receber o lote. A tabela 12 produz alguma evidência contrária a essa hipótese.

TABELA 12

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR PROJETO, SEGUNDO O TIPO DE TÍTULO DE OCUPAÇÃO DA TERRA — 1980

TIPO DE TÍTULO DE OCUPAÇÃO DA TERRA	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR PROJETO	
	Ouro Preto	Ji-Paraná
NÚMEROS ABSOLUTOS		
TOTAL	289	312
NÚMEROS RELATIVOS (%)		
TOTAL	100,00	100,00
Autorização de ocupação.....	43,6	29,9
Licença de ocupação.....	24,9	34,3
Nenhum tipo.....	9,3	13,1
Agregado.....	3,5	5,1
Comprou o lote.....	18,7	17,6

FONTE — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

Os resultados indicam que mais de 95% dos atuais colonos em qualquer um dos Projetos nunca esteve antes na condição de agregado. Eles tinham, em sua maioria, títulos temporários de ocupação do lote ou então compraram o mesmo, apesar de ser esse último um procedimento ilegal, de colonos que ou abandonaram a área ou deixaram a condição de colono.

Por outro lado, os agregados aumentaram a sua parcela na onda de recém-chegados, o que indica que o processo de concessão de um lote por parte do INCRA parece ter atingido um nível de saturação. De qualquer maneira, ter um lote sob qualquer forma de arranjo legal é o primeiro passo para se beneficiar dessa política. Outros mecanismos institucionais devem estar disponíveis e a seguir descrevemos seu estado atual.

6 — VINCULAÇÕES DOS PRODUTORES COM OS CANAIS INSTITUCIONAIS

De acordo com o planejado, a sede do Projeto deveria colocar o colono em contato com os mecanismos institucionais que visam facilitar sua vida como produtor independente. Apenas alguns mecanismos, de uma série tentada, funcionaram. Esses são: a concessão de um lote, assistência técnica, crédito e acesso a cooperativas. Três fontes de dados são consideradas nessa seção para testar se uma exposição mais longa a esses mecanismos levaria a seu uso de forma mais freqüente (Tabela 13).

TABELA 13

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR ANO DE CHEGADA A RONDÔNIA, SEGUNDO OS PROJETOS E TEMPO DE ESPERA PARA O RECEBIMENTO DO LOTE — 1980

TEMPO DE ESPERA PARA O RECEBIMENTO DO LOTE	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR ANO DE CHEGADA A RONDÔNIA								
	Até 1971	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1977 e mais
OURO PRETO									
Números absolutos.....	44	25	62	69	22	19	31	—	31
Números relativos (%).....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	—	100,00
Nenhum.....	34,1	36,0	33,9	43,5	40,9	64,8	58,1	—	58,1
1 ano.....	18,2	32,0	33,9	26,1	31,8	17,6	25,8	—	25,8
2 anos e mais.....	47,7	32,0	32,2	30,4	27,3	17,6	16,1	—	16,1
JI-PARANÁ									
Números absolutos.....	31	—	48	35	39	50	30	42	(1)37
Números relativos (%).....	100,00	—	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	(1)100,00
Nenhum.....	19,4	—	16,7	22,9	40,0	30,8	30,0	70,0	75,7
1 ano.....	16,1	—	31,3	33,3	11,4	23,1	36,0	23,3	18,9
2 anos e mais.....	64,5	—	52,0	43,8	48,6	46,1	34,0	6,7	5,4

FONTE — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

(1) Dados relativos a 1978 e mais.

Uma primeira tabela lida com o período de espera anterior à recepção do lote. Essa informação está disponível no Levantamento Sócio-Demográfico.

A distribuição por ano de chegada determina períodos de espera mais curtos no Ouro Preto do que em Ji-Paraná. Até 1973, ao menos 30% dos colonos esperaram dois anos para receberem seus lotes. Depois de 1976, essa percentagem reduziu-se a 16 e mais de 50% dos candidatos receberam seus lotes na chegada. Uma agilização similar do processo parece aparente nos dados do Ji-Paraná, já que, dos colonos que chegaram em 1971, 64% tiveram que esperar dois anos para alcançarem

seus lotes. Depois disso, o período de espera é gradualmente reduzido e, para os que chegaram em 1977 ou depois, o período de espera era ainda mais curto que em Ouro Preto. Parece, portanto, que tal representa uma instância em que o progresso se fez com o passar do tempo.

A mesma observação não pode ser feita em relação ao acesso ao crédito e à assistência técnica, tal como aparece na tabela 14. As diferenças entre os Projetos são mínimas. A falta de experiência prévia na obtenção de crédito aparece claramente na alta proporção de colonos (80%) que nunca recorreu a ele antes da migração para Rondônia. A permanência na área por um certo período de tempo elevou significativamente a experiência. Em 1977, mais de 1/3 dos colonos em cada Projeto declarou que havia feito uso daquele mecanismo. Contudo, os dados de 1980 apontavam para uma reversão nessa tendência. Porque as informações referentes ao crédito foram encabeçadas por uma questão sobre se “alguma vez usou”, ou a questão foi mal interpretada, tomada como significando “está presentemente utilizando”, ou o colono representava um grupo diferente do que o que respondeu ao Levantamento do INCRA, ou ainda, porque talvez a percentagem tem sido inflacionada nesta última fonte. O fato inquestionável é que o acesso ao crédito não está largamente difundido mesmo se favorecido ao nível da política.

TABELA 14

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR FONTE DE DADOS E PROJETOS, SEGUNDO A OCORRÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DE CRÉDITO E DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS POR FONTE DE DADOS E PROJETOS					
	Fichas de Inscrição		Levantamento Sócio-Econômico		Levantamento Sócio-Demográfico	
	Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná
OCORRÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DE CRÉDITO						
Números absolutos.....	2 506	2 615	701	228	398	396
Números relativos (%).....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Sim.....	11,4	11,3	34,8	35,1	26,0	27,3
Não.....	80,3	84,6	46,4	45,2	72,0	68,1
Sem declaração.....	8,3	4,1	18,8	19,7	2,0	4,6
OCORRÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA						
Números absolutos.....	—	—	701	228	398	396
Números relativos (%).....	—	—	100,00	100,00	100,00	100,00
Sim.....	—	—	27,4	29,8	34,0	30,2
Não.....	—	—	62,4	58,3	54,0	58,6
Sem declaração.....	—	—	10,2	11,9	12,0	11,2

FONTES — Fichas de Inscrição; Levantamento Sócio-Econômico, INCRA e Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia, IBGE.

Para os colonos que haviam utilizado o crédito, o Banco do Brasil aparecia como a única agência de crédito mais importante, responsabilizando-se por 20% das transações. Para os que declaravam que nunca o haviam utilizado, o medo de não ser capaz de pagar o dinheiro pedido emprestado, tal como aconteceu a seus vizinhos e, o sentimento de que a operação era mais complicada do que eles poderiam manejar, foram as razões mais freqüentes.

A assistência técnica é outra facilidade institucional teoricamente disponível aos colonos. A julgar pelos dados não aparecem diferenças entre os Projetos. A proporção de colonos que recebeu alguma forma de assistência técnica aumentou para 1/3 em 1980, um padrão ainda baixo para um Projeto como o Ouro Preto já com dez anos de operação aquele tempo. Isso não significa falta de confiança da parte dos colonos, mas se relaciona muito mais à disposição das próprias agências de criar equipes móveis para espalharem conhecimentos úteis. A Comissão Executiva Plano Lavoura Cacaueira (CEPLAC), encarregada de fornecer as linhas mestras para a florescente cultura do cacau tem sido a agência mais ativa na área e sua atividade foi avaliada pelos colonos como adequada.

Os trabalhadores rurais geralmente carecem de experiência em formas de associação, funcionando a própria natureza de seu trabalho como uma das pré-condições para isso. Ao tempo de sua chegada, os colonos mostravam uma baixa experiência com formas significativas de associação como cooperativas e sindicatos. A extensão de seu isolamento ficou expressa no Levantamento do INCRA de 1977 onde apenas 7,8% registraram filiação à cooperativa. É importante mencionar, porém, que a cooperativa não foi formada pela iniciativa dos colonos, mas sim pelo INCRA, sendo mesmo freqüentemente criticada por eles. Em 1980 houve uma melhoria considerável em relação às cifras anteriores. Em Ouro Preto, 42% dos colonos tornaram-se membros da cooperativa. No Ji-Paraná essa cifra é de apenas 30%, mas existem 40% dos colonos afiliados a um sindicato rural criado por eles próprios.

A avaliação dos mecanismos institucionais, enquanto responsáveis por uma maior produtividade entre os colonos, atestou a fraqueza destes. A impressão transmitida pelos dados é de que a liberação dos lotes se acelerou, mas o crédito e a assistência técnica atingiram apenas 30% dos colonos. Entretanto, o atendimento tem sido orientado no sentido de privilegiar colonos que possuem os maiores lotes, criam gado ou cultivam culturas comerciais em oposição às estritamente alimentícias. Informação das duas pesquisas — a do INCRA e a nossa — indicam uma diferença estatisticamente significativa no atendimento de ambos serviços — crédito e assistência técnica — no sentido de favorecerem as culturas e os pastos permanentes às culturas temporárias, assim como grandes áreas cultivadas a pequenas quantidades⁹. Por exemplo, 100% dos colonos que tinham de 31 a 40 hectares de culturas

⁹ Os conceitos de culturas permanentes e temporárias são empregados conforme a denominação utilizada nos Censos Agropecuários. Assim:

- culturas permanentes: são aquelas de longa duração e que não necessitam plantio após a colheita, posto que produzem por vários anos. Exemplos em Rondônia: café e cacau;
- culturas temporárias: são aquelas de curta duração e que necessitam replantio após cada colheita, durando geralmente um ano. Exemplos em Rondônia: milho, arroz e feijão.

Ver Bibliografia, I. p. XXIV.

temporárias receberam crédito contra 38% que tinham menos de 10 hectares de culturas temporárias. Quando relacionada a culturas permanentes, a marca dos 100% foi alcançada a um limite inferior, isto é, 21 a 30 hectares.

As cooperativas e os sindicatos não têm constituído, até agora, mecanismos verdadeiros de associação dos colonos. A cooperativa de Ouro Preto foi imposta aos colonos, que chegaram mesmo a tentar queimá-la uma vez, e o sindicato do Ji-Paraná tem ainda que crescer como veículo de transmissão das demandas dos colonos.

7 — CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS DOS PRODUTORES

Retomaremos a seguir um grupo de características sócio-econômicas. Pretendia-se que o critério de seleção dos itens abaixo refletisse as características que seriam relevantes à performance dos colonos como trabalhadores potencialmente independentes. Nesse sentido, as características examinadas são: níveis educacionais, natureza da experiência prévia e atual com tipos de culturas e experiência como trabalhadores independentes.

Os níveis educacionais são tão baixos quanto possível: 48% dos colonos não sabem ler nem escrever; 50% são analfabetos funcionais e, apenas 2% haviam tido alguma educação primária. Eles são auxiliados, quanto aos aspectos quantitativos de sua atividade produtiva — tamanho da área cultivada, volume de produção, volume das vendas e preços de comercialização —, por suas esposas que fazem o papel de arquivistas. Elas são, freqüentemente, as informantes mais inteligíveis quanto aos aspectos básicos da produção.

A experiência agrícola dos colonos ao tempo de sua chegada não apresentou diferenças entre os Projetos. A tabela 15 apresenta essa informação.

A experiência agrícola passada dos colonos selecionados mostrou que eles estavam muito distantes de serem minifundiários, sendo 1/3 deles, a despeito do projeto, produtores familiares com 25 ou mais hectares sob cultivo, exatamente o que era esperado dele em Rondônia.

O intermediário foi o canal de comercialização mais freqüentemente citado. Isso acontece no Brasil naquelas áreas de maior isolamento do produtor. Este, incapacitado para chegar ao mercado a fim de comercializar a sua produção, sujeita-se aos preços arbitrários impostos pelo intermediário.

Para avaliar o desempenho dos produtores rurais em Rondônia apresentamos nas tabelas 16 e 17 alguns dados a esse respeito. Segundo a pesquisa de 1977, a própria prática agrícola em Ouro Preto era mais diversificada do que em Ji-Paraná. A diversificação se fez presente através de uma maior e mais representativa parcela das pastagens e das culturas permanentes. Esse fator pode ser vinculado a um período relativamente mais curto de operação do Projeto Ji-Paraná. A extração de madeira, contudo, atividade típica dos primeiros anos de um projeto, existiu também numa menor extensão, no Ji-Paraná, mesmo sendo a taxa de ausência de respostas a esse item, extremamente elevada.

Já para o ano agrícola de 1979/80, a produtividade dos colonos parece haver aumentado via uma extensão da área sob cultivo e uma

TABELA 15

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS AO TEMPO DE CHEGADA A RONDÔNIA, POR PROJETO, SEGUNDO OS GRUPOS DE ÁREA USUAL SOB CULTIVO E OS CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO MAIS FREQUENTEMENTE UTILIZADOS, ANTES DE SUA VINDA PARA RONDÔNIA

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS AO TEMPO DE CHEGADA A RONDÔNIA, POR PROJETO	
	Ouro Preto	Ji-Paraná
NÚMEROS ABSOLUTOS		
Grupos de área usual sob cultivo	2 363	2 618
Canais de comercialização da produção mais freqüentemente utilizados antes de sua vinda para Rondônia.....	2 195	2 490
NÚMEROS RELATIVOS (%)		
Grupos de área usual sob cultivo (ha)....	100,00	100,00
Menos de 9.....	18,1	18,6
10 a 14.....	21,4	20,7
15 a 24.....	27,8	28,2
25 e mais.....	32,7	32,5
Canais de comercialização da produção mais freqüentemente utilizados antes de sua vinda para Rondônia.....	100,00	100,00
Intermediário.....	69,5	76,4
Atacadista.....	14,6	12,3
Direto do consumidor.....	3,3	2,7
Intermediário e atacadista.....	3,3	3,8
Outros.....	10,3	4,8

FONTE — Fichas de Inscrição, INCRA.

maior produção para as culturas mais importantes nos dois Projetos. Os dados são do Levantamento Sócio-Demográfico, e estão expostos na tabela 17.

A vantagem que o Ouro Preto parecia ter sobre o Ji-Paraná em 1977 aparentemente desapareceu. Uma gama similar de culturas estava sendo cultivada em ambos os projetos em uma extensão diversificada de hectares. É recompensador ver que as mais importantes culturas comerciais, café e cacau, que começaram em Ouro Preto, estão sendo produzidas também no Ji-Paraná e, aparentemente, com maior eficiência. De forma a avaliar o quadro do ponto de vista da eficiência, foi produzida uma tabela-resumo (Tabela 18).

TABELA 16

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR PROJETO, SEGUNDO A FORMA DE UTILIZAÇÃO DAS TERRAS E A PRÁTICA DE EXTRAÇÃO DE MADEIRA — 1977

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR PROJETO	
	Ouro Preto	Ji-Paraná
	NÚMEROS ABSOLUTOS	
TOTAL	701	228
	NÚMEROS RELATIVOS (%)	
Forma de utilização das terras	100,00	100,00
Lavouras		
Temporárias.....	15,5	34,2
Permanentes.....	0,6	—
Temporárias e permanentes.....	13,8	46,9
Pastagens.....	3,0	—
Lavouras temporárias e pastagens.....	33,3	—
Lavouras temporárias e permanentes e pastagens.....	27,0	—
Sem declaração.....	6,8	18,9
Prática de extração de madeira	100,00	100,00
Madeiras.....	20,4	5,7
Seringueiras.....	12,4	0,9
Madeiras e seringueiras.....	8,0	—
Outras.....	3,0	1,8
Sem declaração.....	56,2	91,6

FONTE — Levantamento Sócio-Econômico, INCRA.

Uma descoberta interessante surgiu na tabela-resumo. Apesar de terem uma média similar de hectares para culturas básicas de subsistência — milho, arroz, feijão e mandioca — o quadro é muito diferente para as principais culturas comerciais — café e cacau. Neles, a média de hectares cultivados por produtor é maior no Ji-Paraná, especialmente no caso do cacau, onde a proporção é de 3,5 para 1 em Ouro Preto. Quando se descreve o quadro em função da produção média por saca, a atuação dos colonos do Ji-Paraná é menor para o milho, arroz, feijão e muito menor para o café.

Essa seção nos revela que os antecedentes dos colonos eram similares tanto no Ouro Preto quanto no Ji-Paraná. Ainda que por volta

TABELA 17

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR TIPO DE CULTURA CULTIVADA, SEGUNDO OS PROJETOS, A ÁREA CULTIVADA E A PRODUÇÃO OBTIDA — 1979-80

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR TIPO DE CULTURA CULTIVADA					
	Básica de subsistência				Comercial	
	Milho	Arroz	Feijão	Mandioca	Café	Cacau
NÚMEROS ABSOLUTOS						
Ouro Preto						
Área cultivada.....	242	269	232	81	182	64
Produção obtida.....	217	261	182	9	126	38
Ji-Paraná						
Área cultivada.....	237	270	232	103	244	24
Produção obtida.....	234	277	222	4	147	13
NÚMEROS RELATIVOS (%)						
Ouro Preto						
Área cultivada (ha).....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Menos de 2.....	34,8	22,4	57,7	76,5	20,3	21,9
2 a 3.....	28,9	25,6	19,4	17,3	50,6	40,6
3 a 5.....	23,1	31,4	13,4	2,5	20,8	21,9
5 a 10.....	11,6	14,5	7,8	3,7	7,0	7,8
10 e mais.....	1,6	6,3	1,7	—	1,3	7,8
Produção obtida (sacas)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Menos de 15.....	19,8	8,8	73,6	55,6	44,4	34,2
16 a 30.....	29,5	18,3	17,0	11,1	16,7	29,0
31 a 50.....	23,0	16,0	5,5	22,2	14,3	21,0
51 a 100.....	18,9	30,9	2,8	11,1	15,1	7,9
100 e mais.....	8,8	26,0	1,1	—	9,5	7,9
Ji-Paraná						
Área cultivada (ha).....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Menos de 2.....	40,0	20,0	47,9	85,5	20,1	50,5
2 a 3.....	28,7	28,5	25,0	8,7	16,8	8,3
3 a 5.....	19,0	27,8	18,5	4,8	20,1	4,2
5 a 10.....	11,0	19,6	7,3	1,0	29,1	20,2
10 e mais.....	1,3	4,1	1,3	—	13,9	16,8
Produção obtida (sacas)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Menos de 15.....	25,0	11,5	68,9	50,0	48,3	53,9
16 a 30.....	31,9	15,9	15,8	50,0	10,2	15,4
31 a 50.....	22,0	19,5	10,8	—	11,8	7,6
51 a 100.....	14,7	30,0	3,2	—	20,4	23,1
100 e mais.....	6,4	23,1	1,3	—	9,5	—

TABELA 18

ASPECTOS GERAIS, POR PROJETO, SEGUNDO AS CULTURAS CULTIVADAS — 1980

CULTURAS CULTIVADAS	ÁREA CULTIVADA (ha)		PRODUÇÃO OBTIDA (sacas)		MÉDIA POR PRODUTOR			
	Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná	Área cultivada (ha)		Produção obtida (sacas)	
					Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná
	Milho.....	310,4	289,9	4 268,0	3 742,6	1,28	1,22	19,67
Arroz.....	414,4	411,0	6 593,8	6 289,0	1,54	1,52	25,26	22,70
Feijão.....	243,9	258,6	1 687,6	1 888,6	1,05	1,11	9,27	8,51
Mandioca.....	157,5	133,8	2 526,0	1 650,0	1,94	1,30	280,67	412,50
Café.....	302,0	569,2	3 673,0	3 856,0	1,66	2,33	29,15	26,23
Cacau.....	386,5	491,4	3 383,0	2 402,4	6,04	20,48	89,03	184,80

FONTE — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

de 1977, o perfil do Ouro Preto fosse mais diversificado, três anos mais tarde parece que o Ji-Paraná alcançou e até mesmo ultrapassou as médias dos produtores do Ouro Preto, especialmente nas principais culturas comerciais, constituídas pelo café e pelo cacau.

Enquanto a produção média é uma medida da capacidade do colono de plantar, colher e extrair um determinado produto de uma área definida, o número médio de sacas é uma medida do grau de comercialização enquanto produção líquida de onde são deduzidas as perdas. Como a produção média em Ji-Paraná era maior que a de Ouro Preto e essa relação se inverteu ao ser referida ao número médio de sacas, parece que as perdas são maiores em Ji-Paraná. A idéia de que os colonos são abandonados a sua própria sorte e de que os resultados que eles mostram são uma consequência direta da energia que colocam no processo, vê-se reforçada com esse resultado. As condições institucionais, supostamente melhores, de Ouro Preto não importam se comparadas com as dos colonos de Ji-Paraná contanto que eles houvessem tido tempo suficiente para que suas colheitas crescessem e produzissem resultados.

A falta de recursos financeiros da parte dos colonos e de uma infra-estrutura adequada por parte do INCRA conduziram à subdivisão dos lotes e à emergência dos agregados, sendo esses empregados, basicamente, como parceiros ficando com a metade ou 1/3 do que produzem ou como arrendatários, notando-se sua presença nas culturas comerciais do café e do cacau.

Os agregados são parte da massa itinerante de trabalhadores agrícolas que chegam às áreas de fronteira procurando terras para traba-

lhar. Suas condições de vida, medidas pelo acesso a bens de consumo coletivo e doméstico, são piores do que as dos colonos. A diferença básica entre os dois grupos de produtores — colonos e agregados — está em que os agregados não possuem nenhum título de propriedade da terra. Essa posição de trabalhador sem terra os condiciona a aceitar as condições de trabalho oferecidas pelo proprietário. Além de trabalhar para esse último, sob condições impostas, o agregado tem ainda que produzir o necessário à subsistência própria e a de sua família. Seu número cresceu na segunda metade da década de 70 na medida em que a terra destinada aos lotes tornou-se escassa. O Levantamento Socio-Demográfico revelou uma proporção de 0,3 agregados em Ouro Preto e 0,2 em Ji-Paraná, por colono em cada Projeto. É interessante que a proporção seja mais alta em Ouro Preto do que em Ji-Paraná. Se a velocidade para liberar terras para fins de assentamento decresce à medida que os anos passam e se a corrente migratória permanece volumosa, e de se esperar que o número de agregados aumentasse e que isso acontecesse na área mais antiga de Ouro Preto. Se, por outro lado, os agregados se tornassem colonos com o passar do tempo, ou como ocupantes de novos lotes ou com substitutos dos colonos que emigraram, uma parcela expressiva dos atuais colonos teria sido de agregados. Os dados da tabela 12, entretanto, contradizem essa possibilidade na medida em que apenas 3,5% dos colonos atuais de Ouro Preto e 5,1% dos de Ji-Paraná declararam terem sido anteriormente agregados. Portanto, a condição de agregado que era temporária por definição se está tornando mais difícil de se alterar. Raramente aparecem agregados anteriores entre os colonos; se há uma mudança na sua condição é para colocá-los na situação de posseiros.

Enquanto os agregados permanecem em Rondonia em busca de terra para trabalhar, os próprios colonos combinam o trabalho no seu próprio lote, com o trabalho feito para algum patrão, em troca de um salário. O Levantamento Socio-Demográfico revelou que, por exemplo, no Ji-Paraná 33,5% dos membros das famílias dos colonos trabalhavam como assalariados durante o ano agrícola de 1979/80, inclusive os próprios colonos. A venda da força de trabalho familiar não ocorre apenas na chegada antes da primeira colheita, mas é um recurso ao qual a família recorre nos maus tempos¹⁰. O período de tempo gasto fora do lote na condição de trabalhador assalariado está longe de ser insignificante. A tabela 19 dá uma indicação do fato.

Descobriu-se que no Projeto Ji-Paraná, dos 19% dos colonos que haviam trabalhado como assalariados no ano anterior ao levantamento de 1980, 63% trabalharam por um período de até quatro meses. Quando isso acontecia o lote era deixado aos cuidados dos membros mais velhos da família, basicamente sob a responsabilidade do filho mais velho. É surpreendente que mesmo suportando essas condições de trabalho a grande maioria dos colonos e agregados avaliou sua situação atual como melhor que antes e expressou suas intenções de permanecer. O conteúdo de suas percepções acha-se analisado na seção seguinte.

¹⁰ Ver Bibliografia, 12.

TABELA 19

**DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS E AGREGADOS DO PROJETO
JI-PARANÁ, SEGUNDO O TEMPO DE DURAÇÃO DO TRABALHO
ASSALARIADO EM 1 ANO — 1980**

TEMPO DE DURAÇÃO DO TRABALHO ASSALARIADO	DISTRIBUIÇÃO	
	Colonos	Agregados
NÚMEROS ABSOLUTOS		
TOTAL	75	18
NÚMEROS RELATIVOS (%)		
TOTAL	100,00	100,00
Menos de 1 mês.....	8,0	—
1 a 4 meses.....	54,7	38,9
4 a 8 meses.....	17,3	27,8
8 a 12 meses.....	14,7	11,1
Sem declaração.....	5,3	22,2

FONTE — Pinto, Maria G.O. — Reprodução da força de trabalho em uma área de fronteira agrícola — Brasília, Universidade de Brasília, 1981, (dissertação de mestrado), citado por Turchi, Lenita M.op. cit., tabela 11.

8 — AUTO-AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO ATUAL

As dificuldades que foram descritas pelos colonos cobriram um espectro que foi das relacionadas à comercialização da produção até às condições de saúde. A falta de estradas adequadas a servirem como canal básico de comercialização foi apontada como a dificuldade mais importante, tal como mostra a tabela 20.

TABELA 20

**DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR PROJETO, SEGUNDO AS
DIFICULDADES ENFRENTADAS DEPOIS DE RECEBEREM OS
SEUS LOTES — 1980**

DIFICULDADES ENFRENTADAS DEPOIS DE RECEBEREM OS SEUS LOTES	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS, POR PROJETO	
	Ouro Preto	Ji-Paraná
NÚMEROS ABSOLUTOS		
TOTAL	280	293
NÚMEROS RELATIVOS (%)		
TOTAL	100,00	100,00
Falta de estradas.....	34,3	28,3
Doenças.....	12,1	7,9
Falta de transportes.....	1,0	7,5
Todas as mencionadas acima.....	13,6	7,5
Outras.....	25,4	26,6
Nenhuma.....	13,6	22,2

FONTE — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

A percepção das dificuldades era maior em Ouro Preto do que em Ji-Paraná, onde 1/5 dos colonos mencionou não ter quaisquer problemas em suas atuais condições de vida. Para os que admitem a existência de dificuldades, a falta de estradas é considerada a maior delas. Não apenas os colonos expressaram poucas queixas sobre as suas atuais condições de vida, como também avaliaram essas últimas como sendo melhores do que as que haviam experimentado anteriormente. A tabela 21 coloca isso claramente.

TABELA 21

DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS E AGREGADOS, POR PROJETO, SEGUNDO UMA COMPARAÇÃO DE SUA SITUAÇÃO ATUAL COM A PRÉVIA — 1980

COMPARAÇÃO DE SUA SITUAÇÃO ATUAL COM A PRÉVIA	DISTRIBUIÇÃO			
	Colonos		Agregados	
	Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná
NÚMEROS ABSOLUTOS				
TOTAL	297	325	99	68
NÚMEROS RELATIVOS (%)				
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00
Melhor.....	85,9	88,9	65,7	79,4
A mesma.....	7,7	7,7	24,2	17,7
Pior.....	6,4	3,4	10,1	2,9

FONTE — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

A grande maioria dos colonos nos dois Projetos declarou que eles estão em melhor situação agora do que antes. Ainda que as porcentagens para os agregados seja menor se somarmos os que declararam sua situação como permanecendo igual, pode-se ver que a colonização é percebida pelos produtores como fornecendo-lhes condições adequadas para melhorar sua vida ¹¹.

Finalmente, testou-se se a percepção de estar em melhor situação agora levaria à intenção de permanecer na área. A tabela 22 dá-nos indicações adicionais sobre essa percepção.

¹¹ Os colonos expressaram níveis de satisfação similares ao de outros colonos em projetos de colonização dirigida já extintos. Tavares, em 1971, entrevistou colonos de vários projetos localizados nas Regiões Norte e Centro-Oeste, os que informaram em pelo menos 80% dos casos estarem melhor do que antes. Ver Bibliografia, 4. Tabelas 2.2.1, 2.2.2 e 2.2.3, p. 74, 76 e 78.

TABELA 22

**DISTRIBUIÇÃO DOS COLONOS E AGREGADOS, POR PROJETO,
SEGUNDO SUAS PREFERÊNCIAS — 1980**

PREFERÊNCIAS	DISTRIBUIÇÃO			
	Colonos		Agregados	
	Ouro Preto	Ji-Paraná	Ouro Preto	Ji-Paraná
NÚMEROS ABSOLUTOS				
TOTAL	297	325	100	69
NÚMEROS RELATIVOS (%)				
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00
Permanecer em Rondônia.....	90,0	91,1	82,0	76,1
Mudar.....	10,0	8,9	18,0	23,9

FONTE — Levantamento Sócio-Demográfico de Rondônia — 1980, IBGE.

A resposta à questão sobre se permanecer ou mudar de Rondônia foi coerente com a avaliação dos produtores de sua situação atual. As preferências pela permanência na área a despeito das dificuldades concretas surgiram para a maioria dos colonos. Mesmo entre os agregados há uma intenção clara de permanecer em Rondônia enquanto lugar que pode fornecer-lhes as condições necessárias para construir suas vidas.

9 — OBSERVAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo era examinar as condições de vida dos colonos de forma a fornecer uma descrição de seus antecedentes e de sua atuação presente. Três fontes de dados forneceram as informações requeridas para essas tarefas: as Fichas de Inscrição, o Levantamento Sócio-Econômico do INCRA e o Levantamento Sócio-Demográfico. As duas primeiras, coletadas pelo INCRA, foram codificadas por uma equipe sob minha chefia e supervisão, primeiro em 1977, e depois, em 1978. O Levantamento Sócio-Demográfico planejado e organizado por mim em dois Projetos de colonização na área, com a ajuda de 12 entrevistadores foi consequência natural das diversas dúvidas sobre a atuação da política de colonização, levantadas pela análise das fontes precedentes de dados.

As condições de vida da população eram ruins frente a qualquer padrão decente. A construção de 93% das casas foi de madeira não tratada, e mais se pareciam com barracos. Uma proporção similar foi achada para casas que não tinham outra fonte de abastecimento além de um rio próximo ou de um poço não tratado. Faltavam instalações de esgoto também: 73% dos colonos não tinham nada e 22% contavam apenas com fossas rudimentares.

Os padrões de saúde dos colonos e agregados eram bem baixos, sendo um dos componentes básicos da situação as condições ambientais às quais todo o grupo estava submetido. Um outro era sua condição de classe a qual os fez, por toda vida, parte da grande parcela da população brasileira severamente pauperizada. A intensidade do trabalho agrícola e as condições climáticas sob as quais este tem que se realizar garantem as pré-condições desfavoráveis para um *status* de saúde decente.

No que concerne às características demográficas básicas, a estrutura dos colonos e agregados era mais envelhecida do que a dos chefes de família rurais. Como um dos critérios de seleção para se tornar um colono era a idade do chefe da família, onde o grupo de 36 a 42 anos levava o maior peso; a idade média encontrada por volta de 41 anos pode facilmente ser resultado da seleção. Os níveis de crescimento natural representam o achado mais notável no campo da dinâmica demográfica. A Taxa de Fecundidade Total se situa em torno de sete e o nível das mortes fetais, natimortos e mortalidade infantil é o dobro do encontrado no Censo para a população rural. Pode-se ver que 1/3 das crianças de mães com idade 50 estão mortas.

O perfil dos produtores como migrantes caracterizou-os como tendo feito diversos movimentos ao longo de suas vidas. Seu perfil, porém, tanto em termos de Estados de origem e de residência anterior foi bastante concentrado. Minas Gerais, Espírito Santo e os Estados nordestinos representavam 80% dos Estados de nascimento dos colonos. A concentração por Estados de residência anterior foi ainda mais pronunciada: 90% dos migrantes veio dos Estados-fonte tradicionais de Minas Gerais e Espírito Santo ou dos Estados de fronteira recente como Paraná e Mato Grosso. A importância das fronteiras anteriores no fornecimento de migrantes para Rondônia é evidente já que contam com mais de 70% do fluxo migratório.

A carência de suporte institucional foi também uma descoberta conclusiva. A única medida que pareceu haver melhorado ao correr dos anos de funcionamento dos Projetos foi a demarcação e a legalização da terra. O acesso ao crédito e à assistência técnica não alcançou mais que 1/3 dos colonos e beneficiou aqueles que cultivavam culturas comerciais e exploravam extensões maiores de terra.

A despeito de todas essas dificuldades, os colonos mostraram, se medida por sua produção agrícola, uma performance econômica razoável. Os colonos do Ji-Paraná alcançaram os do Ouro Preto e vão indo bem. Não foram encontradas diferenças significativas para essas características bem como para outras entre os Projetos. Destarte, a natureza do Projeto não importou realmente para o que os colonos foram capazes de mostrar como resultado.

Os produtores avaliaram sua situação como sendo melhor do que antes. Eles pareciam não ter consciência das dificuldades que enfrentam e expressaram, em grande maioria, suas intenções de permanecer na área. Espero que o Estado seja capaz de honrar o compromisso assumido com esses trabalhadores que são capazes de suportar o nível de problemas que eles suportam e ainda capazes de produzir.

10 — BIBLIOGRAFIA

- 1 — CENSO AGROPECUÁRIO 1980. Rondônia. Rio de Janeiro, IBGE, v. 2, t. 3, n. 2, 1983.
- 2 — CENSO DEMOGRÁFICO 1980. Rondônia. Dados gerais. Rio de Janeiro, IBGE, v. 1, t. 4, n. 2, 1983.
- 3 — ———. Famílias e domicílios. Rio de Janeiro, IBGE, v. 1, t. 6, n. 2, 1983.
- 4 — COLONIZAÇÃO dirigida no Brasil; suas possibilidades na Região Amazônica. Vania Porto Tavares et alii. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1972. (Relatórios de Pesquisa, 8).
- 5 — DIAGNÓSTICO e perspectivas para o Território Federal de Rondônia. Maria Helena F. T. Henriques et alii. Brasília, Universidade de Brasília, 1979. mimeo.
- 6 — ESTIMATIVAS populacionais das principais localidades do Território de Rondônia, segundo as zonas urbana e rural. Período 1970/1980. Porto Velho, Comissão de Planejamento Agrícola, 1977. mimeo.
- 7 — GALL, Norman. Caminho para Rondônia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 fev., 5 mar., 12 mar. e 19 mar., 1973.
- 8 — ———. *Letter from Rondônia; a report on the Brazilian frontier*. 1977. mimeo.
- 9 — MARTINE, George. *Colonization in Rondônia and the reproduction of conditions prevailing on older areas*. Geneva, 1979. Trabalho apresentado ao Informal Technical Workshop on Migration Policies. mimeo.
- 10 — MOVIMENTO. Rio de Janeiro, ns. 178, 179, 180 e 193.
- 11 — PACHECO, Lenita M. T. *Colonização dirigida: estratégia de acumulação e legitimação de um estado autoritário*. Brasília. Dissertação (mestrado) — Universidade de Brasília, 1979. mimeo.
- 12 — ———. *Estratégia de sobrevivência da pequena produção na fronteira agrícola; projetos de colonização Ouro Preto e Ji-Paraná*. Vitória, 1982. Trabalho apresentado no Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 3.
- 13 — PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS 1981. Brasil e Grandes Regiões. Rio de Janeiro, IBGE, v. 5, t. 11, 1983.
- 14 — PINTO, Maria G. O. *Reprodução da força de trabalho em uma área de fronteira agrícola*. Brasília. Dissertação (mestrado) — Universidade de Brasília, 1979. mimeo.
- 15 — SANTANA, Jerônimo G. de. *Discursos*. Brasília, Câmara dos Deputados, 1975.
- 16 — ———. *Em defesa dos pobres em busca de justiça social para Rondônia*. Brasília, Câmara dos Deputados, 1976.
- 17 — SNEDECOR, George W.; COCHRAN, William G. *Statistical methods*. Ames, Iowa University Press, 1967.

RESUMO

Este artigo faz parte de um conjunto de três que se destinam a avaliar a política de colonização dirigida em Rondônia em algumas de suas dimensões constituintes. No primeiro artigo, examinou-se a sua dimensão de política social; no segundo, o seu impacto na dinâmica demográfica da área; finalmente, aqui, pondera-se a sua eficiência enquanto mecanismo que busca transformar os trabalhadores que chegam a Rondônia em agricultores independentes.

Um levantamento realizado em dois Projetos de colonização na área — Ouro Preto e Ji-Paraná — proporcionou uma boa maneira para se examinar os colonos enquanto população alvo da política de colonização. Suas condições de vida são precárias, posto que a grande maioria deles vive em taipas ou choupanas, 10% têm água encanada e 5%, fossa séptica. Estas percentagens pertencem aos colonos de Ouro Preto, Projeto mais antigo e melhor estruturado que Ji-Paraná, para esse último as percentagens são ainda mais baixas. As condições de vida precárias se associa um *status* de saúde deficiente. Durante o mês anterior à entrevista, 65% dos colonos interromperam a sua atividade normal devido a razões de saúde, sendo a malária e a gripe apontadas como as doenças mais frequentes.

A estrutura etária dos colonos é mais envelhecida do que a dos chefes de família rurais. Ser casado ou viver em união consensual é praticamente universal entre eles, posto que esta condição é um dos critérios qualificatórios para receber o lote a fim de que prevaleça o modelo de agricultura familiar na colonização dirigida. Essas características sugerem a presença de um alto nível de fecundidade, de fato encontrado a partir de estimativas via o Levantamento. A Taxa de Fecundidade Total encontrada foi de 6,93 filhos por mulher; ainda mais revelador que esse valor é o fato de que esta cifra se realiza a partir de um número médio de gestações bem maior (9,84 ao final do período reprodutivo) que se associa a um elevado nível de perdas fetais e mortes infantis, implicando assim um claro risco à saúde da mãe.

A concentração dos colonos com respeito ao lugar de residência anterior é bem acentuada: 90% deles vieram dos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná e Mato Grosso. Enquanto os dois primeiros Estados têm tradicionalmente expulsado população, o Paraná e Mato Grosso eram fronteiras anteriores, tinham recebido consideráveis correntes migratórias mas, tornaram-se incapazes de reter os migrantes em base permanente, como transparece nos dados. Existem indicações de que algo semelhante pode já estar ocorrendo em Rondônia. Se um processo de renovação dos colonos está a caminho, o mesmo não acontece através dos agregados — morador por lote que trabalha para o proprietário enquanto aguarda o momento de receber o seu próprio lote e assim tornar-se um colono — já que 95% dos atuais colonos nunca passaram pela condição de agregados antes.

Os dados sobre a existência de mecanismos institucionais ao alcance dos colonos mostraram que esses operam a graus variados de eficiência. A demarcação e a concessão de lotes são os mais visíveis e eficientes enquanto que o crédito e a assistência técnica ainda não alcançaram 1/3 dos colonos. Não existe impacto diferencial desses mecanismos entre os Projetos Ouro Preto e Ji-Paraná.

Se os mecanismos institucionais são insuficientes para explicar diferenças na produção, parece ser que o trabalho no lote por si só não é suficiente para garantir a subsistência da família. Dos colonos e suas famílias de Ji-Paraná, 33% venderam sua força de trabalho; 10% deles o fizeram por um período maior que quatro meses. Apesar disso, os níveis de satisfação expressados pelos colonos com a sua situação atual são elevados segundo qualquer padrão; mais de 80% deles declararam estar melhor agora do que antes e mais de 90% expressaram seu desejo de permanecer em Rondônia. O desafio do Governo é tornar essa opção viável.

SUMMARY

This article is part of a three-article set aiming to evaluate the directed colonization policy in Rondônia in some of its implicit dimensions. In the first article the policy was examined in its social policy dimension; in the second, in its impact on the demographic dynamics of the area; finally, this article analyzes the policy efficiency in its ability to transform agricultural workers into autonomous farmers.

A survey conducted in two colonization projects in the area — Ouro Preto and Ji-Paraná — provided better insights on the settlers as the target group of the policy. Their living conditions were poor, as the large majority lived in log cabins or adobe houses, 10% had piped water and 5% had covered cesspools. These percentages were for Ouro Preto, older and better-structured than Ji-Paraná, which held lower percentages. Poor living conditions were associated with poor health status. Sixty-five percent of the settlers interrupted their normal activity during the month prior to the interview for health reasons, malaria and flu being the most frequent diseases.

The settlers age structure was older than the one of rural family heads in Rondônia. Being married or living in a marital status is practically universal among them, as this condition represents a qualifying factor in the criteria set established to select a settler and to impose a mode of family agriculture in the directed colonization. From these observations, high fertility levels follows, as estimated via the surveys. Total fertility rate was 6,93 children per woman but more revealing than the number per se was the fact that this figure was set, after a high level of pregnancies (984 at the end of the reproductive period) also coupled with high levels of fetal losses and child deaths, implying a clear risk to the mother's health.

The concentration of settlers with respect to places of previous residence was accentuated: 90% of them came from the states of Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná and Mato Grosso. While the first two States have traditionally expelled population, Paraná and Mato Grosso were former frontiers, received considerable migratory waves, but were unable to retain their migrants on a permanent basis, as apparent from the data. Indications are that something similar may be occurring in Rondônia at this very moment. If a renewal process is on the way, it is not through the means of an "agregado" — a plot resident who works for the plot owner while waiting for his own and thus becoming settler, as 95% of the actual settlers have never been agregados before.

Data on the institutional mechanisms available to settlers showed these to be operating at various degrees of efficiency. Land demarcation and granting of plots is the most visible and most efficient, where credit and technical assistance had not reached one-third of the settlers. However, these less efficient mechanisms seemed to not have any differential impact on Ji-Paraná versus Ouro Preto.

If institutional arrangements are not sufficient to explain differences in production, it is apparent that the work in the plot, on the other hand, is not sufficient to maintain family subsistence. Thirty-three percent of the Ji-Paraná settlers and family members worked as wage workers; 10% of them for periods longer than four months. However, levels of satisfaction with their current situation were high by any standards; more than 80% of them declared to be better-off than before and more than 90% would like to remain in Rondônia and not move out. It is a challenge to the Government to make this feasible.

Este artigo foi recebido pela Superintendência do Centro Editorial — CEDIT, no dia 12 de março de 1985.